



LITERATURA DE FRONTEIRA: A LÍNGUA COMO ELEMENTO UNIFICADOR DA IDENTIDADE NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

Stael Moura da Paixão Ferreira¹
(UFMS/CPAN)
Rosangela Villa da Silva²
(UFMS/CPAN)

418

RESUMO:

Tanto no Brasil como na Bolívia, são poucas as análises de caráter acadêmico acerca dos contatos linguísticos e, no que tange ao posicionamento dos estudos literários, são ainda mais escassos, ou incipientes. Este trabalho, então, contempla o papel das obras literárias na fronteira Brasil - Bolívia, por meio de estudo, analítico e sistemático, discutindo a língua como signo e representação da construção de uma identidade fronteiriça, desvelando novos olhares sobre a literatura numa região, caracterizada por uma mescla de culturas, identidades locais e uma complexa realidade de fronteira. Por meio da literatura, abrem-se discussões em torno do papel da língua na fronteira Brasil - Bolívia, dando visibilidade ao reconhecimento da identidade do fronteiriço, expressão, defesa e construção da identidade nacional do natural.

Palavras-chave: Literatura; Língua; Fronteira Brasil-Bolívia; Identidade Fronteiriça.

RESUMEN:

Tanto en Brasil y Bolivia, hay pocos análisis sobre el carácter académico y contactos lingüísticos, con respecto a la colocación de los estudios literarios, son aún más escasos, o incipientes. Este trabajo incluye el papel de la literatura Brasil bordea - Bolivia, a través del estudio, analítico y sistemático, hablando el lenguaje como signo y representación de la construcción de una frontera nacional de identidad, revelando nuevas perspectivas sobre la literatura en la zona fronteriza que se caracteriza por una mezcla de culturas, identidades y ubicaciones de la compleja realidad de la frontera. A través de la literatura, la apertura de los debates en torno al papel del lenguaje en el Brasil - Bolivia, dando visibilidad al reconocimiento de la frontera identidad. expresión, defensa y construcción de la identidad nacional de la natural.

Palabras clave: Literatura, Lengua, frontera entre Brasil y Bolivia, Identidad Fronteriza.

¹ Professora Pesquisadora. Mestre em Estudos Fronteiriços - MEF/ UFMS/CPAN. Linha de Pesquisa: Ocupação e Identidade Fronteiriças e Linha de Pesquisa: Literatura e Ensino de Línguas- UFMS/CPAN. Corumbá- MS – Brasil. 79300-000 – e-mail: staelmoura@hotmail.com

² Doutora em Linguística da Língua Portuguesa pela UNESP, com Pós-Doutorado em Sociolinguística pela Universidade de Coimbra, Portugal. Professora Orientadora do Programa do Mestrado em Estudos Fronteiriços- MEF/UFMS/CPAN e do Mestrado em Estudos de Linguagens (CCHS/UFMS). Corumbá- MS – Brasil. 79300-000 – e-mail: rvilla45@hotmail.com

Na complexidade do conceito de identidade, que contém em si vários elementos definidores, como a etnia, a história, espaço e costumes, a língua não é apenas mais um traço, mas, sobretudo, uma força de identificação nacional, considerando que o grupo social manifesta seu pensamento, sua visão do mundo e sua cultura por meio da sua língua. É consensual dizer-se que língua e cultura são entidades inseparáveis, que a língua é ao mesmo tempo um reflexo e um instrumento de cultura, que se transmite de geração em geração. Ao registrar fatos linguísticos de uma língua estamos não só divulgando-a, mas também valorizando os costumes, as crenças e, enfim, a cultura expressa por essa língua. Dessa forma, vejamos este texto extraído de *A Força do Falar Pantaneiro*, texto publicado originalmente pela Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (2004). Nele verificamos que Proença enfatiza a vida do homem da terra, vida do homem pantaneiro, a linguagem, o “*falar do homem pantaneiro*”. Entretanto, Proença adverte que *é necessário sentir o que ele* (o Pantanal) *sugere para depois compreender o que ele oferece*. Vejamos o texto:

Para entender o Pantanal – já dizia Cássio Leite de Barros – é necessário sentir o que ele sugere para depois compreender o que ele oferece. E eu, humildemente, acrescento: há que se ir ao chão, às raízes, para buscar a rusticidade e simplicidade do homem pantaneiro.

Esta vasta planície, dada de mãos beijadas à Nação brasileira como um Patrimônio Natural, oferece-nos, além de uma exuberante paisagem pintalgada pela branca pelagem do nelore, uma linguagem extremamente expressiva, rica em variações fonéticas e prosódicas.

O livramentano, cuiabano, poconeano, cacerense, quando desceram lá do Norte para povoar o Pantanal do Sul viajaram com as suas palavras. Trouxeram, junto com os caribéus, as jacubas, os paus de guaraná, uma enormidade de termos e expressões que, ao longo da história, através de um processo laborioso de troca, assimilação, absorção, mesclaram-se com a oralidade dos países vizinhos e formaram um universo muito próprio que se traduz naquilo hoje concebido como o “falar do homem pantaneiro”.

Quantas expressões singulares! Quantos termos inusitados! Quantas riquezas! Os acordes atrevidos da viola de cocho, os quais motivaram os improvisos dos curureiros, versejadores/cantadores das antigas festas pantaneiras produziram neologismos, ampliando a versatilidade linguística e cultural da região... As comitivas, pelos caminhos pantanosos, conduzindo boiadas, contribuíram para enriquecer o vocabulário pantanês. Da cozinha das nossas avós vieram o furrundu, a paçoca de banana, a Maria-Izabel... a lembrança... da carne-seca e do toucinho defumado “dipindurado” ao lado do fogão, do pote d’água, do dedo na panela para provar o “doce de cadju” e a “catchorrada”...Ah! ... e também a lembrança... daquele banquinho perto do fogão onde a bugrinha, cabelo penteado, toda “perfumada de água de chero”, esperava a hora de abrir a porta “pro fio do patrão entrá”. Em torno do laço do vaqueiro, instrumento que faz parte da sua “traia”, dos seus “quase-nada”,

nasceu uma rica terminologia que vai desde a escolha do couro até o colocar da argola, no arremate final... O sobrenatural, tão presente no imaginário... Entidades que povoam o universo infantil e persistem na crença dos adultos, nomes como Mãozão, Pé-de-garrafa, Minhocão, Come-língua, Negro-d'água, Anta-amiga, figuras mitológicas e lendárias que habitam as matas, baías, rios e corixos... (PROENÇA, 2004, Revista da Academia Sul-Mato-Grossense De Letras. s.p.)

Além dos termos que representam entidades que povoam o universo pantaneiro como *Mãozão, Pé-de-garrafa, Minhocão, Come-língua, Negro-d'água, Anta-amiga*, todas *figuras mitológicas e lendárias que habitam as matas, baías, rios e corixos*, Proença explora expressões e verbetes peculiares ao sul-mato-grossense, que expressam a rica linguagem pantaneira. Por exemplo, ao citar a *exuberante paisagem pintalgada pela branca pelagem do nelore*, Proença destaca a riqueza cultural oriunda do gado no cerrado pantaneiro. E com suas “expressões singulares”, “termos inusitados” e “riquezas”, como *feweiro, guieiro, cambão, gangorra, tento, braça, iapa, afogador, lonqueação* e outros termos do léxico pantaneiro vai tecendo suas memórias através de seus artefatos míticos, éticos, culturais, que norteiam a forma de pensar e agir do homem pantaneiro. Nesse processo de composição literária, Proença também reflete fatores culturais, transmitidos ao longo do processo histórico, de geração a geração, como *os caribéus, as jacubas, os paus de guaraná, uma enormidade de termos e expressões* que vieram junto com os colonizadores e participaram da formação daquilo que hoje é concebido como o “falar do homem pantaneiro”.

Assim, as nossas reflexões tendem a passar em torno da questão de que cada língua carrega consigo as marcas de sua formação e assim afirmando, recorreremos à famosa frase de Pessoa, destacada na letra da música *Língua*, de Caetano Veloso: “*A minha pátria é a minha língua*”, considerando-se que mais do que ser o local em que uma pessoa nasce a pátria é o espaço de interações de dimensões afetivas, sociais e históricas; interações “genuinamente” nacionais. Desta forma, verifica-se que palavras pertencentes ao léxico pantaneiro são propositadamente empregadas para atribuir valor a esse bem cultural e reconhecer o seu significado, construído pelo senso comum, mas organizado por elementos relevantes ao contexto histórico e regional desta fronteira. Desta forma, *o furrundu, a paçoca de banana, a Maria-Izabel, a carne-seca e o pote d'água* estão presentes neste processo de composição literária, fortalecendo a questão da

cultura pantaneira. Outro fator que merece destaque em relação ao léxico pantaneiro, no texto de Proença, são as variações linguísticas e fonéticas empregadas quando cita a lembrança do toucinho “*dipindurado*” e do “*doce de cadju*” e da “*catchorrada*”. Nessa mescla de falares também encontramos traços linguísticos que são atribuídos ao falar pantaneiro, como por exemplo os sons dos fonemas /g/, /j/ e /ch/ em: *djente* (gente), *djeito* (jeito) e *tchão* (chão) que segundo Silva (2004, p.21) seriam originários da região norte de Portugal.

Destacamos que, segundo Barbosa (1993, p.1), o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado do processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação dos sistemas de valores. O autor pantaneiro, ao perscrutar essas formas de falar, troca o sinal negativo dominante nesses registros e faz notar a face positiva de sua cultura. Segundo Barbosa (1993, p. 158), *língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, e constituem, na verdade, um único processo complexo, a língua do indivíduo pantaneiro e a dos que nesta fronteira habitam contribui poderosamente para reconhecer-se e para ser reconhecido pelo outro. É na realidade um fator de identificação cultural.*

No entanto, gostaríamos de salientar que em Lobivar Matos, autor dessa fronteira, também encontramos as interações de dimensões sociais e históricas que possibilitam um entendimento do *modus vivendi* na fronteira entre Brasil e Paraguai, conforme aponta Puiggari (1933) apud Ferreira e Araujo (2011). No poema *Rodeio* (1936, p. 57), por exemplo, percebemos forte preocupação em destacar as variantes linguísticas e sociais dos *caboclos de fronteira, que falam uma fala misturada*, fruto do contexto histórico e regional da fronteira do Paraguai. Nesse poema, *domingo é dia de festa e vai haver corridas*, por isso notamos:

Paraguaios com lenço “colorau” no pescoço, faixa preta na cintura...
 ...
 Brasileiros, gaúchos guapos, caboclos de fronteira, que falam uma fala misturada...
 ...
 - Acá no hay hombres! Ho hay muchachos!
 Hay polleros! Grita um correntino atrevido.
 Um paraguaio nanico resolveu aceitar a aposta.
 Não quer dinheiro, vai montar por que não é pollero...
 (MATOS, 1936, p. 57-60)



Observa-se que as falas apresentadas no âmbito da literatura fronteiriça são, propositalmente, escolhidas pelo autor nas mais variadas possibilidades de imaginar, nomear e até avaliar e reavaliar a fronteira e o próprio homem fronteiriço em relação à nação brasileira, bem como, em contraste, até privilegiado, com qualquer outra região. O discurso posiciona os sujeitos sociais quanto às suas identidades, e as manifestações sociodiscursivas refletem-se nos sujeitos, seja de modo conflitante, seja em sintonia com o que a sociedade determina. Mas, sempre haverá a heterogeneidade linguística apontada por Labov (1984) apud Monteiro (2000). Assim, ao emergir esses *caboclos de fronteira*, Matos (1936) volta os holofotes para o contato linguístico e para o (inter) relacionamento existente entre os dois países, através do processo migratório.

Destacamos ainda que no poema *Rodeio*, de Matos (1936, p. 57-60) no fruir da convivência dos falantes, ou seja, nesse contato físico e linguístico, há uma espécie de aculturação, considerando que juntos, *Brasileiros, gaúchos guapos, caboclos de fronteira... cheiram a branquinha da bôa e trazem a “ justiça de Mato Grosso” brilhando, limpinha, no cinturão* (MATOS, 1936, p. 58). Ao mesmo tempo, reforça-se a identidade dos sujeitos, pois segundo Rajagopalan (2003, p.71), a única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo.

Em relação a fronteira Brasil-Bolívia, convém destacar que, conforme apontam Ferreira e Silva (2012, p. 02-03), por fazer parte da Bacia Platina, após a Guerra do Paraguai, Corumbá- BR tornou-se importante centro atrativo de estrangeiros, imigrantes de diversas nacionalidades, principalmente, sírio-libaneses, italianos, argentinos, espanhóis, franceses, uruguaios, paraguaios, entre outros. Afirmam Ferreira e Silva (2012, p. 02-03) que devido à proximidade das cidades, entre outros motivos, muitos bolivianos de localidades como: Puerto Suarez, Cochabamba, La Paz, Roboré, Potosí, São José de Chiquitos, São Miguel, San Ignacio de Velasco, Trinidad, dentre outras, também resolveram ingressar no Brasil. Assim, estudar a língua como objeto de construção social, considerando sua singularidade, ajuda-nos a compreender as variações sociais, regionais, geográficas e o discurso enquanto expressão linguística e social do ato da comunicação.

Convém explicar que não é pretensão dessa pesquisa, abordar sobre os idiomas autóctones existentes em nenhum dos dois lados dessa fronteira, pois o estudo das

línguas minoritárias, segundo SILVA, R.V.da et al (2009, p.125), requer um levantamento aprofundado da situação linguística dos vários grupos étnicos existentes nos dois países, que apresentam problemáticas distintas. Lembramos que nossa pesquisa, neste momento, não está voltada para o extraliterário. No entanto, destacamos apenas que, atualmente, a Constituição boliviana reconhece 36 etnias, mas existem no país pelo menos 54 etnias ou nações originárias, aquelas que viviam na Bolívia antes da chegada dos europeus, conforme afirma Amorim (2013). Consequentemente, podemos dizer que a Bolívia possui três línguas oficiais: o espanhol, o aimará e o quichuá ou quéchua e mais 33 línguas autóctones: araona, baure, bésiro, canichana, cavineño, cayubaba, chácobo, chimán, ese ejja, guaraní, guarasuawe, guarayu, itonama, leco, machajuyai-kallawaya, machineri, maropa, mojeño-trinitario, mojeño-ignaciano, moré, mosetén, movima, pacawara, puquina, sirionó, tacana, tapiete, toromona, uruchipaya, weenhayek, yaminawa, yuki, yuracaré e zamuco, conforme Embajada del Estado Plurinacional de Bolívia.

Sabe-se que as línguas quíchua e aimará são as destacadas no universo das línguas indígenas porque a Igreja Católica escolheu essas línguas nativas como veículo da evangelização, passando a escrevê-las com caracteres latinos e ensiná-las, fixando-as como as línguas mais faladas entre os indígenas. Considerando o lado brasileiro, além das duas línguas nacionais e os idiomas indígenas, estão presentes as línguas dos imigrantes árabes, alemães, italianos, paraguaios, etc., enfim vários os nacionalismos linguísticos. Há um misto linguístico, resultado do contexto histórico de formação, ou seja, das diversas nacionalidades, fruto da migração.

Voltando ao campo literário, no lado boliviano, a obra *Raza de Bronce* (1919), uma das novelas bolivianas mais destacadas da América da Sul, Alcides Arguedas, considerado iniciador do Indigenismo na Literatura boliviana, que após a publicação de *Pueblo Enfermo* (1909), na qual culpa os indígenas e os mestiços pela ineficácia evolutiva da Bolívia, usa *Raza de Bronce* e parte em defesa dos índios escravizados por “*patrones blancos, feroces dueños de la tierra, y sus empleados mestizos* (“Liminar” xv. ARGUEDAS, 1997). Nessa narrativa, encontramos forte ideologia que diz respeito *la realidad del indio boliviano y su falta de confianza en la transformación de esa realidad*. (NACIFF, 2008, p. 34). Todavía, Arguedas, objetivando expor a moral e a

força dos aimarás, apresenta, nesse “alegato” realista em favor do índio explorado e reprimido pelos latifundiários, vocábulos de origem aimará. Destacamos que o autor emprega esses vocábulos e os traduz na própria narrativa, para a língua espanhola, como por exemplo, nessas passagens: *los campos están kenchas (embruçados)* (p. 135); em *Diestro taliri (masajista)*... (p. 136); *fama de Kamiri (adinerado)*...(p. 146) ou como em *la chuspa (bolsa) con coca* (p. 146).

Salientamos que, na Bolívia, o acesso a educação escolar sempre foi privilégio dos “blancos”, ou quando muito, dos “cholos”, ficando a maior parte da população, os índios, excluída do sistema escolar. Segundo David Mangurian (1999), foi somente após 1990 que o “Programa de Reforma Educativa (PRE)”, parte de um pacote de reformas radicais da educação, com metas que vão bem além da instrução básica, estabelece o caráter democrático da educação na Bolívia, em que pela primeira vez, crianças indígenas podem aprender a ler e escrever em suas línguas nativas, aimará e quéchua, e também em espanhol. No entanto, conforme aponta Mangurian, ainda há forte resistência por parte dos adultos, pois acreditam que é preciso resgatar a cultura indígena afim de que essa não seja esquecida.

Segundo afirma Mangurian, a vida em uma sociedade em que o espanhol é identificado com progresso e poder e em que as línguas nativas significam atraso e pobreza criam-se conflitos para os pais indígenas, aimarás ou quéchuas, pois muitos não sabem onde encaixar os filhos. Segundo ele, os adultos não permitem que os filhos falem suas próprias línguas. Mas, tentando protegê-los da “cultura urbana”, também não querem que os filhos aprendam o espanhol. Assim mesmo, a Bolívia dispõe a incorporação do enfoque intercultural e a modalidade bilíngue na educação, respondendo assim pela heterogeneidade sociocultural do país. Corroborando com esse pensamento Apaza (2005) aponta que:

A complexa situação linguística da Bolívia, onde o idioma espanhol vive em contato com as línguas indígenas, impede, ao menos por enquanto, estabelecer limites aceitáveis que definam com aceitável precisão os acordos regionais do espanhol boliviano. As tentativas de divisão feitas até agora são, obviamente, insatisfatórias e imprecisas. Neste contexto, acredita-se na realização de mais estudos que permitam definir, algum dia, os limites das

variedades do espanhol falado na Bolívia³. (APAZA, 2005, p. 20. Tradução nossa)

Após esas explicações torna-se evidente que esse misto entre a língua espanhola e língua indígena encontrado na obra de Arguedas não deve ser visto com tanta simplicidade. Ao contrário do que acontece com contatos bilíngues num contexto de nível da competência comunicativa, na escrita literária os autores são manipuladores da língua e, com toda a certeza, a interferência estará sempre carregada de significados que se pretendem transmitir ao leitor. Observa-se, então, que o autor apresenta seus escritos traços de bilinguismo e, logo em seguida, auxilia o leitor na compreensão total do texto onde os vocábulos de outro sistema linguístico, o aimará, apareceram inseridos nas frases de língua espanhola.

Considera-se que além de apresentar um exemplo de bilinguismo, pela inclusão de vocábulos de outra língua num texto em espanhol, ele usa estratégias para familiarizar o leitor com essa língua “alternativa”. Essa coexistência linguística remete-nos à realidade linguística boliviana. Por outro lado, afirmamos que esse ato criativo tem conotações políticas e ideológicas, considerando que a repercussão da obra anterior, *Pueblo Enfermo* (1909), não foi boa e ele foi considerado racista, eurocentrista e contrário aos interesses das culturas originárias pelos intelectuais aimarás e quéchuas. A verdade é que é desse universo linguístico poliglota e dessas realidades multiculturais que Arguedas aponta-nos, paralelamente à narrativa, o enredo de sua obra: a história da colonização boliviana que subjaz a existência das duas línguas, uma previamente marginalizada. Por outras palavras, esta escrita mestiça de espanhol e aimará realiza a afirmação da existência de duas identidades culturais.

Destacamos que, no plano extraliterário, Arroyo Concepción, fronteira que liga Puerto Suárez e Puerto Quijarro com a cidade de Corumbá (BR), fortalecida pelo movimento de migração dentro da Bolívia, trouxe muitos bolivianos de outras

³ La compleja situación lingüística de Bolivia, en la que el español vive en contacto con... lenguas indígenas, impide, al menos por el momento, el establecimiento de fronteras que definan con aceptable precisión las modalidades regionales del español boliviano. Los intentos de división realizados hasta ahora resultan a todas luces insatisfactorios e imprecisos. Ante este panorama, creemos que se deben llevar a cabo más estudios que nos permitan delimitar, algún día, las fronteras de las variedades del español hablado en Bolivia. (APAZA, 2005, p. 20.)

localidades constituindo nessa região um mosaico de falas, incluindo as línguas naturais da região dos Andes e dos vales, quéchua e aimará. Para além dos ressentimentos da história, e da suposta pureza de um sistema linguístico, surge, nesta conturbada e mutante zona de fronteira, uma mestiçagem linguística como metáfora de afirmação de identidade fronteiriça.

Em relação ao uso da língua portuguesa por falantes bolivianos em Puerto Quijarro, na Bolívia, em geral, estabelece-se nas relações de compra e venda no comércio da cidade boliviana, considerando que o comerciante boliviano, que consegue entender a exigência do cliente brasileiro, consegue ter vantagem na comercialização de seus produtos. Desta forma, estamos pensando em uma região que é bilingue, em relação ao espanhol e línguas indígenas, e ao mesmo tempo empregam a língua portuguesa em contatos linguísticos variados. Podemos refletir, então, que, nesta região onde as relações comerciais são latentes, há contextos favoráveis a um possível trilinguismo, considerando que os nativos falam as línguas indígenas, o espanhol e ainda o português.

Considere-se outra situação singular que faz parte deste espaço fronteiriço, é o caso dos filhos de bolivianos com brasileiras, residentes no lado boliviano dessa fronteira. Essas crianças têm maiores chances de se tornarem falantes nativos nas duas línguas, ou até nas três línguas, por serem expostas, constantemente, desde cedo, em casa, a um de seus pais, ora falando espanhol, ora falando, com seus familiares bolivianos, o aimará, e o outro falando português. Para estes casos, poderíamos dizer que esses sujeitos podem se tornar simultaneamente trilingües.

Considerando que a investigação aqui proposta é de caráter documental, ou seja, material escrito que possa ser utilizado como fonte para obter informações acerca do comportamento humano nesta fronteira, registra-se que nas obras consultadas, no lado brasileiro, não foram encontrados nenhum vestígio de bilinguismo. Encontramos outro tipo de mestiçagem representado pela invocação da oralidade. Neste caso não falamos de bilinguismo, mas de inclusão de marcas de oralidade na linguagem escrita, isto é, as variações linguísticas, em relação às minorias estigmatizadas. Tomemos em consideração, no lado brasileiro, o poema São Sebastião (1936, p. 65-67), de Lobivar Matos. Nele percebemos forte preocupação em destacar as variantes linguísticas e

sociais, ressaltando a língua da classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal, nem aos bens culturais da elite e por isso mesmo é considerada “feia”, “pobre” e “carente”, consoante com Bagno (1999, p. 42). Vejamos um fragmento do poema *São Sebastião* (1936, p. 65-67) em que o autor expõe os diálogos na festa de São Sebastião:

...
 - Essa porcaria de chuva
 vai atrapaia a festa do santo!
 -E preciso rezar para a chuva parar de chover.
 - Que reza nada, Compadre!
 Moreno, faz uma cruz de cinza no terreiro
 e crucifica o machado, que é porrete.
 - Não, Compadre, nada de cruz.
 Põe um ovo no toco de pau
 que São Pedro pensa que é a careca do bispo
 e fecha a torneira depressa
 pra morde o bispo não virá bóde
 A dança tá animada:
 Porca paraguaia, arára, santa-fé, cururu.
 -Êta! Musga batuta!
 Harpa, sanfona, violão
 E o Zázá soprando direitinho uma foia de laranjeira...
 - Não deixa amanhacê, Nhô Juca, segura a lua!
 -Firmino, tira os sapatos, deixa de bôbage...
 (MATOS, 1936, p. 65-67)

No exemplo acima, observa-se o emprego das marcas da linguagem oral que, embora não seja uma questão de bilinguismo, recorda-nos toda uma série de questões ligadas ao preconceito linguístico que, segundo Bagno (1999), deve-se a uma questão que não é linguística, mas social e política. Além disso, essa quebra a norma gramatical do português também pode ser considerada um gesto orgulhoso, nacionalista, que valoriza a realidade popular, a identidade cultural fronteiriça. Pensemos o poema *Maria Bolacha* (1936, p. 19-20), de Matos, em que a personagem usa a expressão “*Péra aí, péstes*”, empregando o “*péra*” forma reduzida de “*espera*”, fato inegável da marca característica da língua coloquial do português falado no Brasil presente nesta fronteira. Essa personagem *Maria Bolacha*, tratava-se de um tipo popular das ruas corumbaenses, citada por Renato Báez em *Figuras & Fatos* (1964) e por Ulisses Serra em *Camalotes e Guavirais* (2004). Era uma anciã, cor-de-mate, baixa e gorda, que andava com pano à cabeça, personificando o inconformismo e simbolizando a resistência moral do convívio sórdido das calçadas. (SERRA, 2004 p.115-117)



Percebe-se, enfim que a literatura nessa fronteira expressa a sociedade e ao expressá-la, ela a muda, contradiz ou nega. Ao retratá-la, inventa-a, ao inventá-la, revela-a (PAZ, 1986, p.209). Assim, concluímos que a literatura de fronteira apresenta-se com características singulares, e expressa uma espécie de “linguagem inaugural, quase sempre, pondo em cena as minorias sociológicas, que, simbolicamente, são fortes representações identitárias.

REFERÊNCIAS:

APAZA, Gregorio Callisaya. LÉXICO AYMARA EN EL ESPAÑOL BOLIVIANO. In: Instituto francés de estudios. Julho de 2005. Disponível em <http://www.ifeanet.org/temvar/SII-ANT6.pdf>. Acesso em: 04 set 2013.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro, Villa Rica Editoras Reunidas Limitada, 1993.

_____. *Raza de Bronce*. Edição Especial. Opinión, Diário de Circulación Nacional. Santa Cruz: Coboce-opinión. 1988. Disponível em: <http://www.lafamilia.info/Libros/virtuales/Alcides%20Arguedas%20-%20Raza%20de%20bronce.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013.

_____. *Raza de bronce; Wuata Wuara*. Edição crítica, coordenador Antonio Lorente Medina, liminar Carlos Castañón Barrientos. México: Dirección General de Publicaciones del Conaculta. 2. ed. Madrid: UNESCO, 1997. Disponível em: www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/.../liminar_11.pdf. Acesso em: 20 jun. 2013.

AZEVEDO, Cristiane Sampaio de. *A “desutilidade poética” de Manoel de Barros: questão de poesia ou filosofia?* Revista.doc. Ano VIII. nº 3. Janeiro/Junho 2007. Disponível em; www.revistapontodoc.com/3_cristianesa.pdf.2013 .ago 08 :Acesso em .

BÁEZ, Renato. *Corumbá: Figuras & Fatos*. Sao Paulo: Brasil, 1964.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 21. ed. São Paulo: Loyola, 1999

BARBOSA, M.A. *O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos*. I Encontro de Estudos Linguísticos de Assis. Anais. Assis; UNESP, 1993.



FERREIRA, Bruno Galassi. ARAUJO, Susylene Dias de. AS NARRATIVAS ENTRE O FATO E A FICÇÃO NAS FRONTEIRAS DE MATTO GROSSO – TERRA ABANDONADA DE UMBERTO PUIGGARI. RAÍDO- Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD, Vol. 5, Nº 10. 2011. Disponível em : <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/1334>. Acesso em: 04 set 2013.

FERREIRA, Stael Moura da Paixão. SILVA, Rosangela Villa da. *Algumas Reflexões Sobre Os Contatos Linguísticos na Fronteira Brasil-Bolívia: As Híbridagens Étnicas, Culturais e Sociais*. In: Revista Internacional ESTUDIOS HISTORICOS. Año IV. Diciembre 2012. Nº 9. Uruguay. Disponível em: http://www.estudioshistoricos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=26:edicion-9&catid=3:archivo&Itemid=12. Acesso em: 26 jul 2013.

REVISTA DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS. *Textos de Augusto Cesar Proença*. Campo Grande, 2004. Disponível em: <http://www.acletrasms.com.br/texto.asp?ID=6>. Acesso em: 23 jun. 2012.

SILVA, Rosangela Villa da. *Aspectos da pronúncia do <s> em Corumbá-MS*. São Paulo: Arte e Ciência/Campo Grande: UFMS, 2004.

SILVA, R.V.da; RAVANELLI, M de S.; RIVAS, V.E.; GAERTNER, L.G. *Línguas em contato e aspectos da integração linguística em uma das fronteiras Brasil/Bolívia*. In *Despertar para a fronteira*. Campo Grande: Ed. UFMS. 2009.

Site da Embajada del Estado Plurinacional de Bolívia. Disponível em: <http://www.embolivia.org.br/>. Acesso em 20 jul. 2013.

MATOS, Lobivar. *Sarobá*. Rio de Janeiro: Minha Livraria Editora, 1936. (Obra original disponível na Biblioteca Lobivar Matos em Corumbá-MS).

MONTEIRO, José Lemos. *Para Compreender Labov*. Vozes: São Paulo, 2000.

NACIFF, Marcela. *La Raza de bronce de un Pueblo enfermo, o Alcides Arguedas y el problema del índio*. Cuadernos del CILHA, v. 9, n. 10, p. 34-46, 2008. Universidad Nacional de Cuyo Mendoza, Argentina. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=181715657006>. Acesso em : 13 ago. 2012.



PAZ, O. *A América Latina e a Democracia, A Tradição Antimoderna*. In: *Tempo Nublado*. Rio de Janeiro : Guanabara, 1986.

PUIGGARI, Umberto. *Nas fronteiras de Matto Grosso – terra abandonada*. São Paulo: Casa Mayença, 1933.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SERRA, Ulisses. *Camalotes e guavirais*. Campo Grande: Academia Sul-Mato-Grossense de Letras Campo Grande – Mato Grosso do Sul. Agosto de 2004. Disponível em: acletrasms.com.br/revistas/camalotes.pdf.2013 .jul 18 :Acesso em